

Revisitando as crianças de Kanner à luz da fenomenalidade da vida de Michel Henry*

MARIA IZABEL TAFURI**

FLORINDA MARTINS***

Resumo: Este artigo é composto por duas partes distintas: na primeira parte, Izabel Tafuri mostra a implicação das atuais lacunas do quadro teórico do autismo em suas práticas terapêuticas, procurando na fenomenologia de Michel Henry uma saída para essas questões; na segunda parte, Florinda Martins delinea um plano de investigação no âmbito da fenomenologia da vida para as questões levantadas na primeira parte do artigo.

Palavras-chave: autismo, Eros, clínica, fenomenologia, Michel Henry.

* Este texto faz parte de uma cooperação internacional, em curso, entre o CEFi-Núcleo do Porto, a Universidade de São Paulo e a Universidade de Brasília, tendo como foco o autismo enquanto modalidade originária da subjetividade com suas consequentes implicações nas práticas clínicas.

** Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.

*** Centro de Estudos de Filosofia – Porto da Universidade Católica Portuguesa.

Abstract: This article is composed of two distinct parts: on the first part, Izabel Tafuri shows the involvement of current gaps in the actual theoretical framework of autism in their therapeutic practices, looking on Michel Henry's phenomenology as a way out of these issues; in the second part, Florinda Martins outlines a research plan under the phenomenology of life to the issues raised in the first part of the article

Keywords: autism, Eros, clinic, phenomenology, Michel Henry.

Parte I

Léo Kanner, psiquiatra de origem austríaca, radicado nos Estados Unidos na década de 1930, ingressou na Escola de Medicina da Universidade Johns Hopkins, Baltimore, onde desenvolveu o primeiro serviço de psiquiatria infantil em um hospital pediátrico. Em 1943 publicou na revista *Nervous Child* um artigo denominado *Autistic disturbances of affective contact*¹, considerado um marco histórico no campo das doenças mentais na primeira infância. Se por um lado o *autismo* de Kanner contribuiu para o desenvolvimento de pesquisas sobre as psicoses na primeira infância, por outro, por ser uma questão emergente na nossa cultura, nos incita a um repensar de uma tradição em outras vertentes: filosofia, ciência, política, ética e estética.

Visto em outras vertentes, observa-se um marco histórico às avessas, ou seja, Kanner retomou o pensamento kraepeliano da concepção deficitária das doenças mentais ao descrever o novo quadro nosológico. Todo o esforço de Bleuler (1911) em desmistificar a noção de *demência precoce* de Kraepelin ao descrever as *esquizofrenias* foi desconsiderado por Kanner.

No final da primeira década do século passado, Bleuler (1911)² postulara de forma magistral uma nova chave para a compreensão dos processos psíquicos inerentes à *esquizofrenia*. Em substituição à noção de Kraepelin sobre o processo mórbido da *demência precoce*, o psiquiatra propôs o termo *esquizofrenia* para demonstrar que a afecção primária da doença – *dissociação mental* (*spaltung*) – não causa uma evolução, necessária e deficitária, de todas as funções mentais do paciente.

A grande novidade trazida por Bleuler, influenciado pela psicanálise de Freud, foi a de desmistificar a noção de pensamento deficitário do

¹ KANNER, Léo – Autistic disturbances of affective contact. *Nervous Child*. 2: 3 (1943) 217-250.

² MOSKOWITZ, Andrew; HEIM, Gerhard – Eugen Bleuler's dementia praecox or the group of schizophrénias (1911): a centenary appreciation and reconsideration. *Schizophrenia Bulletin*. 37: 3 (2011) 471-479. Ver também em BLEULER, E. L'invention de l'autisme. *Analytica, Cahiers de recherche du champ freudien*. Traduzido do alemão por Yves Kaufmant. Paris: Navarin. (1911/1988).

esquizofrênico por meio da definição de *pensamento autístico*: um pensamento regido pelas leis do inconsciente, daí a incoerência aparente. Essa nova engrenagem entre o sintoma primário e os secundários permitiu a Bleuler conferir *sentido* à fala incoerente e fantasiosa do paciente, considerado até então demente e/ou idiota. Pela primeira vez, o tratamento dos pacientes asilares começou a ser modificado nos grandes hospitais psiquiátricos. A psicoterapia de base psicanalítica passou a ser uma das modalidades de tratamento dos pacientes, e a noção de cura social das doenças mentais começou a ser veiculada. Houve um início de humanização do tratamento no qual a pessoa era acolhida para ser escutada com atenção e respeito. Nesse contexto, o paciente tinha chances de recriar o sentido do si mesmo, perdido nas dissociações. Bleuler inaugurou outro lugar para o médico: estar lá para escutar, conferir sentido, respeitar e deixar falar, e não simplesmente medicar.

Esse contexto efervescente originado com Bleuler no campo psiquiátrico, por meio da noção do termo *autístico*, foi desconsiderado por Léo Kanner (1943) ao descrever a nova síndrome, o *autismo infantil precoce*. A engrenagem dos sintomas, tal como definida por ele e preservada nos dias de hoje no campo científico, obedece à evolução necessária e deficitária de todas as funções mentais da criança, à moda do pensamento de Kraepelin sobre a *demência precoce*.

É importante constatar que, na década de 1980, a *síndrome do autismo infantil precoce* deixou de pertencer ao eixo das Psicoses no DSM-III e passou a ser considerado um Transtorno Invasivo do Desenvolvimento. Entretanto, a engrenagem lógica do pensamento alemão de Kraepelin referente às doenças mentais apenas deslizou para outro eixo nosográfico, o do Desenvolvimento da Criança. E, em relação ao eixo das psicoses, o *pensamento autístico*, até então considerado um sintoma positivo da doença, desapareceu do DSM-III, restando apenas os sintomas considerados deficitários, a saber, as alucinações e os delírios. Em suma, além de o *autismo* de Kanner ter saído do grupo das psicoses, o termo *autístico* deixou também de pertencer ao grupo dos sintomas secundários das *esquizofrenias*.

Atualmente, a partir de 2015, o *autismo* de Kanner passou a ser considerado um espectro, *espectro do autismo*. Mas a estrutura do pensamento psiquiátrico kraepeliano a respeito das relações lineares causais entre o sintoma orgânico e os sintomas secundários continua a reinar no campo científico. Hoje, as crianças autistas são definidas como pessoas portadoras de deficiência crônica. O tratamento, por sua vez, é restrito à medicação e terapias comportamentais que visam a adaptação ao meio. E, o mais grave, o diagnóstico pode ser feito desde os primeiros meses de vida da criança.

A partir dessa introdução, pode-se perceber a história complexa e enigmática que o termo *autismo* traz em si mesmo. A nova chave revolucionária trazida por Bleuler sobre as capacidades psíquicas não contaminadas pelo sintoma patognomônico de uma doença mental desapareceu do cenário científico, restando apenas as noções de deficiência associada ao *autismo*. Dessa maneira o sujeito é substituído de forma generalizada pela patologia, as crianças perdem o nome próprio e são chamadas de *autistas*. Como disse Freud (1905)³, «começamos por ceder nas palavras e acabamos por ceder no próprio fundo da questão». O *autismo* do campo científico se desvinculou desse fundo e se fixou em uma nova raiz, a do deficit neurobiológico que contamina de forma irreversível e deficitária todas as funções mentais de uma criança.

Por ser um tema cada vez mais presente na nossa cultura, a releitura do *autismo*, em outras vertentes do saber, torna-se necessária principalmente por duas ordens de razões:

- a relação com uma criança dita autista, na clínica psicanalítica, não nos dispensa da ética do encontro;
- e o encontro ético apela à redefinição da pessoa – do Si – pela fenomenalidade do afeto⁴.

Tomamos a obra de Michel Henry sobre a fenomenalidade da vida, em especial o livro *Genealogia da Psicanálise: O começo perdido*⁵, como ponto de partida para fenomenalidade do *autismo*, porquanto essa obra nos remete para uma fenomenalidade originária como sentir-se, compatível com os fenômenos do *auto-erotismo* que é a raiz do termo *autismo*. A respeito desta relação terminológica relembro que a escolha de Bleuler do termo *autístico* se deve a uma contração no termo *autoerotismo* – Autismo sem *Eros*⁶ – por causa das desavenças dele com Freud sobre o papel da sexualidade infantil

³ FREUD, Sigmund – Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Obras completas*. São Paulo: ESB, vol. VII, ([1905] 1980).

⁴ KANABUS, Benoît – Christophe Dejours: Le corps inachevé entre phénoménologie et psychanalyse : Entretien. *Psicologia USP*. 26 : 3 (2015) 340-351. Também disponível in WWW: <URL: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564D20150004>>. Ver ainda GÉLY, Raphaël – *Imaginaire, perception, incarnation – Exercice phénoménologique à partir de Merleau-Ponty, Henry et Sartre*. Bruxelles: PIE Peter Lang, 2012; e MARTINS, Florinda – Pessoa: nós e um estranho terceiro em interioridade recíproca vivenciados. *Diaphora: Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*. 15: 1 (2015) 46-54.

⁵ HENRY, Michel – *Genealogia da Psicanálise: O começo perdido*. Trad. Rodrigo Vieira Marques. Curitiba: Ed. UPPR, 2009.

⁶ TAFURI, Maria Izabel – *Dos sons à palavra: Explorações sobre o tratamento psicanalítico da criança autista*. Brasília: Abrafip, 2013.

na etiologia das neuroses. Uma redução não relacionada apenas à etiologia das neuroses, mas relativa a *Eros* em um sentido filosófico muito mais abrangente e rico do que a visão psicopatológica das doenças mentais.

Nesse sentido, a fenomenalidade de *Eros* se faz necessária assim como a de *autos/si mesmo* para a recuperação do 'fundo da questão' do *autismo*: *recuperar a unidade originária de Eros em autos – auto-erotismo*.

Na linguagem de Michel Henry o auto-erotismo reenvia-nos à fenomenalidade do sentir que em seu efetivo experienciar-se faz, pelo sentir-se, prova de si. E o texto original de Kanner (1943), lido para além da síndrome, traz uma descrição fenomenológica das onze crianças pesquisadas por ele, uma descrição rica de detalhes desse originário sentir-se como prova de si mesmo e que consideramos fundamentais para o estudo da fenomenalidade do *autismo* integrador de *Eros*. Por isso revisitaremos as crianças autistas em contexto da fenomenalidade integradora de *Eros e Autos*: *recuperando o sentido originário de autismo – autoerotismo*.

Revisitando as crianças de Kanner por meio da fenomenalidade da vida de Michel Henry

No início do célebre texto de 1943, Kanner nos fala do seu fascínio em relação às crianças denominadas por ele de autistas:

«Desde 1938, nos chamou a atenção um número de crianças cujas condições diferem, marcada e singularmente, de qualquer descrição já considerada até o momento, cada caso merece – e, eu espero, que venha a receber – uma consideração detalhada das peculiaridades *fascinantes* delas»⁷ [...] «[ele ficava] feliz quando deixado sozinho.»⁸

O fascínio em relação às crianças ditas autistas não foi levado em conta pelo autor em suas conclusões acerca do *autismo*, por estar inserido na metodologia científico-natural. Todavia à origem deste método nem é alheio o «fascínio» pelo «objeto» do seu estudo, nem este deixa de estar referido à vivência de um sentimento caracterizado como «feliz quando deixado sozinho», pelo que abandonar a fenomenalidade da origem de um processo é abandonar o

⁷ Apresentamos o texto no original, porque a tradução é livre: «Since 1938, there have come to our attention a number of children whose condition differs so markedly and uniquely from anything reported so far, that each case merits – and, I hope, will eventually receive – a detailed consideration of its fascinating peculiarities». KANNER, Léo – *Autistic disturbances of affective contact*, p. 217-218.

⁸ «It was observed at an early time that he was happiest when left alone». *Ibidem*.

processo na sua origem. E isto é tanto mais grave quanto aquilo que se abandona é a própria realidade do que queremos compreender. Assim, é o próprio método científico que deve ser, de raiz, questionado. E lembramos que foi o próprio Descartes a questionar a validade das evidências que ele mesmo edificou, como podemos ler de seguida:

«No que diz respeito às percepções que se reportam aos objetos que estão fora de nós tal como aquelas que se reportam ao nosso corpo podemos ser enganados, mas não podemos sê-lo no que diz respeito às paixões, porquanto elas são tão próximas e tão interiores à nossa alma que se torna impossível que ela as sinta sem que sejam verdadeiramente tal qual as sente».⁹

Esta tese de Descartes, retomada por Michel Henry (1985)¹⁰, é tida por Florinda Martins e Andrés Antúnez (2016)¹¹ como estruturante das nossas vivências tal como se pode ver em «sentimento de si e a alucinação» e faz todo o sentido na questão que aqui hoje tratamos e que diz respeito à integração de eros no fenómeno do *autismo*.

A tese de Descartes nos direciona para uma desconstrução do saber clássico sobre o *autismo* integrando no método de investigação aquilo que o método objetivo abandonou, mas que é a certeza que move o investigador: paixão e fascínio pelo que observa. E paixão e fascínio pelo sentimento de ver alguém ser feliz consigo próprio! Fascínio pela felicidade de alguém que vive só consigo!

Só?! Não! Consigo indica uma modalidade de alteridade reconhecida hoje até pela medicina¹². Além disso esse viver consigo está exposto ao observador como uma realidade que, remetendo a si mesma, não deixa de se apresentar ao observador até mesmo quando recusa o contacto com ele.

O outro é o outro de uma alteridade que não é um inverso da identidade, muito menos de uma resistência ao mesmo, mas de uma alteridade anterior a

⁹ Apud MARTINS, Florinda; ANTÚNEZ, Andrés – Michel Henry: sense of self and hallucination. *Revista Estudos de Psicologia*. 33: 3 (2016) 425. Esta questão foi desenvolvida por Florinda Martins na USP durante o curso *Fenomenologia do ser humano na dinâmica psicológica* a convite de Andrés Antúnez, em 2011 que redundou em uma publicação: MARTINS, Florinda; ANTÚNEZ, Andrés – Michel Henry: sense of self and hallucination. *Revista Estudos de Psicologia*, v. 33, n.º 3, 425-430.

¹⁰ HENRY, Michel – *Généalogie de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1985, p. 13.

¹¹ *Ibidem*.

¹² MARTINS, Florinda – Affection and first philosophy: the relationship between phenomenology and life sciences. *Psicologia USP*. 26: 3 (2015) 364-370.

qualquer iniciativa, a qualquer intencionalidade. Sem esta anterioridade intencional, o outro não seria rigorosamente Outro, seria na verdade o mesmo. E no encontro com a criança, a presença dela destrói em cada instante qualquer imagem plástica preconcebida acerca dela própria. A criança expressa-se colhendo em si mesma aquilo que expressa (*kath'auto*) e assim a sua expressão adere à realidade de si mesma: feliz quando deixada sozinha...

Parafraseando Kundera (1991), *O autismo está em outro lugar*¹³. Não está no corpo neutro/objetivo da criança, no corpo no qual as observações realizadas por um pesquisador pudessem ser as de um observador que fotografa em palavras os comportamentos de uma criança, como veremos a seguir. Isto é uma contradição, pois até a fotografia remete para aquilo que a habita! Qualquer relação, mesmo a relação sujeito/objeto, enraíza em uma afecção que é a base de todo o processo investigativo.

Não foi isso que o descobridor da síndrome mostrou ao relatar os comentários dos pais das crianças que dizem respeito ao estado psíquico de felicidade e de autossatisfação? Oigamos o que ele relata:

«Feliz quando deixado sozinho¹⁴ [...] parece se autossatisfazer¹⁵ [...] ele está sempre feliz e ocupado em entreter-se¹⁶ [...] ele parece estar sempre pensando e pensando, ter a sua atenção quase que requer uma quebra da barreira mental entre a sua consciência interna e o mundo externo¹⁷ [...] os objetos o absorveram rapidamente e ele demonstrou boa atenção e perseverança em jogar com eles¹⁸ [...] ele parece ser autossuficiente em seu brincar¹⁹ [...] ele está sempre vividamente ocupado com algo ou parece muito satisfeito, ao menos quando alguém chama a atenção de forma persistente para interferir nas suas autoescolhas²⁰ [...] ele se masturba frequentemente em completa absorção. Ele corre em círculos emitindo frases como se estivesse em êxtase²¹

¹³ KUNDERA, Milan – *A vida está em outro lugar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

¹⁴ «He was happiest when left alone». KANNER, Léo – *Autistic disturbances of affective contact*, p. 218.

¹⁵ «He seems to be self-satisfied». *Ibidem*.

¹⁶ «He was always constantly happy and busy entertaining himself ». *Ibidem*.

¹⁷ «He appears to be always thinking, and to get his attention almost requires one to break down a mental barrier between his inner consciousness and the outside world». *Ibidem*.

¹⁸ «Objects absorbed him easily and he showed good attention and perseverance in playing with them». *Ibidem*, p. 224.

¹⁹ «He seems quiet self-sufficient in his play». *Ibidem*, p. 225.

²⁰ «He was always vivaciously occupied with something and seemed to be highly satisfied, unless someone made a persistent attempt to interfere with his self-chosen actions». *Ibidem*, p. 227.

²¹ «He often masturbated with complete abandon. He ran around in circles emitting phrases in an ecstatic-like fashion». *Ibidem*, p. 228.

[...] Ela parece estar em um mundo criado por ela mesma, obviamente sendo o centro de interesse em presidir à situação. Ela é sobretudo autossuficiente e independente; encontra prazer em lidar com as coisas, com as quais ela demonstra imaginação e iniciativa²² [...] ele prefere brincar sozinho e não quer que ninguém o pegue ou interfira²³ [...] ele anda como se estivesse em uma concha, vive em um mundo próprio onde não pode ser encontrado²⁴.

A partir dessas observações, Kanner conclui que a característica comum a todas as onze crianças seria tão-só a «inabilidade de relacionarem-se de forma usual com as pessoas e situações desde o início da vida»²⁵. Uma conclusão alicerçada em uma constatação:

«As crianças do nosso grupo demonstraram um isolamento extremo desde o início da vida, não respondendo a nada que vem do mundo externo. A expressão mais característica é a falha na postura antecipatória de serem retiradas do berço, um ajuste corporal para serem pegas no colo por outra pessoa²⁶ [...] Nós precisamos, portanto, assumir, que essas crianças vieram ao mundo com uma inabilidade de estabelecer contato afetivo com as pessoas, biologicamente determinado, assim como outras crianças vêm ao mundo com uma incapacidade inata física ou intelectual. Se esse dado estiver correto, estudos futuros de nossas crianças poderão oferecer critérios concretos para esclarecer as noções difusas sobre os componentes constitucionais das reações emocionais.»²⁷

²² «She seems to be in a world of her own, oblivious to all but the center of interest in the presiding situation. She is mostly self-sufficient and independent. She finds pleasure in dealing with things, about which she shows imagination and initiative». *Ibidem*, p. 230.

²³ «He prefers to play alone; He will get down from a piece of apparatus as soon as another child approaches». *Ibidem*, p. 233.

²⁴ «He walks as if he is in a shadow, lives in a world of his own where he cannot be reached». *Ibidem*, p. 236.

²⁵ «inability to relate themselves in the ordinary way to people and situations from the beginning of life». *Ibidem*, p. 242.

²⁶ «The children of our group have all shown their extreme aloneness from the very beginning of live, not responding to anything that comes from the outside world. This is most characteristically expressed in the recurrent of failure of the child to assume an anticipatory posture upon being picked up...». *Ibidem*, p. 248-249.

²⁷ «We must, then, assume that these children have come into the world with innate inability to form the usual, biologically provided affective contact with people, just as other children come into the world with innate physical or intellectual handicaps. If this assumption is correct, a further study of our children may help to furnish concrete criteria regarding the still diffuse notions about the constitutional components of emotional reactivity». *Ibidem*, p. 250.

Pelo que acabamos de mostrar, Kanner tem uma perspectiva reducionista da *afetividade*, que é tanto mais grave quanto ela define pela negativa «o seu objeto de estudo» não levando em consideração o que o caracteriza positivamente: a capacidade da criança de se *autossatisfazer* e de se *autoabsorver pelo prazer*, obtido na ação. Ora este reducionismo da observação científica do *isolamento* associado à *inabilidade de estabelecer relação afetiva* é a característica apontada por Kanner como sendo a mais importante para a investigação do autismo. É uma definição construída a partir de signos de deficit neurológico. Contudo, seguindo a mesma metodologia do autor no tocante às características comuns a todas elas, é notória a presença do fenômeno da *autossatisfação*, *autoabsorção*, *autointeresse* e *o estado de prazer em estar em contato consigo mesmo* em todas as crianças observadas. Se por um lado se mostram alheias ao mundo externo, por outro, demonstram capacidade psíquica de se *autoexcitarem*, e esse fenômeno foi completamente desprezado por Kanner e, hoje, também desprezado no campo científico clássico. Ou seja, na verdade, todas as crianças de Kanner demonstram capacidade de se *autoexcitarem*, *autossaciarem*, *viverem em si mesmas*! Características que revelam uma fenomenalidade de ser, uma capacidade de se autossatisfazer, de se autoabsorver em sensações criadas em seu próprio corpo e, acima de tudo, a capacidade de se fecharem à estimulação externa. De se protegerem?! De quê? De quem?

A metáfora do "ovo de pássaro" foi criada por Freud, em 1911²⁸, em um artigo de fundamental importância, denominado *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. À época, Freud estava interessado em compreender o desinvestimento do mundo externo pelo doente, acompanhado de um fechamento em si mesmo, pensamentos fantasiosos, delírios e alucinações. Para compreender o retorno da libido para o Eu, Freud passou a refletir sobre a constituição do psíquico em suas origens e formulou um princípio de funcionamento psíquico de base: um sistema psíquico isolado dos estímulos do mundo externo, capaz de obter satisfação autística. Nas palavras de Freud:

«Um exemplo nítido de sistema psíquico isolado dos estímulos do mundo externo e capaz de satisfazer autisticamente, para empregar a expressão de Bleuler (1911), mesmo nas suas exigências nutricionais, é fornecido por um ovo de pássaro com sua provisão de alimento encerrada na casca. Para ele, o cuidado proporcionado pela mãe limita-se ao fornecimento do calor ao ovo [...] um sistema que vive de acordo com o princípio do prazer deve possuir

²⁸ FREUD, Sigmund – Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In *Obras Completas*. Trad. Jayme Salomão. Vol. XII, 1980.

dispositivos que o capacitem a afastar-se dos estímulos da realidade. Tais dispositivos são simplesmente o correlativo da repressão, que trata os estímulos desagradáveis internos como se fossem externos – ou seja, empurra-os para o mundo externo.»²⁹

É importante ressaltar que o pai da psicanálise empregou, pela primeira vez, o termo *autístico* para caracterizar a satisfação de um sistema psíquico fechado que capacita o recém-nascido para criar dispositivos que empurram os estímulos desagradáveis para fora. Nesse sentido, a principal contribuição freudiana veiculada pela metáfora do ovo de pássaro refere-se à constituição de uma capacidade psíquica a ser fundada pelo bebê nas primeiras relações com o seu cuidador. A contribuição original de Freud é a afirmativa de que o bebê cria mecanismos psíquicos que possibilitam o afastamento de estímulos desagradáveis, desde que tenha uma relação satisfatória com o meio.

No terreno psicanalítico, o *afastar-se da realidade* é compreendido como uma capacidade de ensimesmar-se, uma capacidade humana que precisa ser fundada desde o nascimento do bebê. Ou seja, o bebê depende do Outro para ter a possibilidade de reviver sensações prazerosas a partir de si mesmo. O patológico seria a necessidade do bebê em se autossatisfazer das sensações criadas por ele próprio a ponto de *ignorar* ou *rejeitar* as estimulações que vêm do mundo externo, como também as suas próprias necessidades.

Ora o que acontece é que o sentimento de prazer é potencialmente criativo de si próprio, mobilizador das suas capacidades sem necessidade de se representar a si mesmo. No âmbito da fenomenalidade da vida, a citação de Michel Henry – «o sentimento jamais é e jamais poderá ser sentido [...] o sentimento também não pode ser percebido» (*apud*, Martins e Antúñez, 2016) – aponta na direção desta fenomenalidade positiva do afeto da qual o autismo é uma das suas expressões. A fenomenalidade do *ensimesmar-se, do deixar-se absorver por sensações geradas no corpo*, aparece com uma racionalidade própria: a racionalidade da própria afeção da vida, a qual nos é dada sentir, revelando-se a nós nesse mesmo sentir. Uma fenomenalidade irreduzível a um isso, a um desconhecido isso, irracional, inapreensível (Michel Henry, 1990). A fenomenalidade do *ensimesmar-se* é em si mesma, na sua positividade, aquilo que sou, aquilo que me constitui: é o sentimento de uma afeção da vida que sentindo me é dado viver.

Quando os pais se referiram aos filhos com os seguintes termos apontados por Kanner: *autossuficiente, como em uma concha, feliz quando deixado sozinho, dá a impressão de uma sabedoria silenciosa, age como se*

²⁹ *Ibidem*, p. 279.

*estivessem hipnotizado e rejeita, desconsidera e/ou exclui o que vem de fora, falaram de crianças vivas. Essas diferentes maneiras de ensimesmar-se são aquilo que as constitui, aquilo que no limite da intencionalidade me é dado vivenciar. O limite de uma intencionalidade que, como disse Michel Henry (1981)³⁰ na obra *O filho do rei, Tu queres que eu te diga verdade de ti, a verdade que só um louco pode dizer?**

No caso das crianças autistas, só elas mesmas poderão nos dizer o que sentem desde que lhes ofereçamos um ambiente no qual elas possam viver a realidade de si mesmas e não como quereríamos talvez que fossem. A criança apresenta-se como é na presença do outro que, simplesmente, está lá esperando, de forma atenta e cuidadosa, a possibilidade de ser o seu próprio ser: o ser encontrado pela criança em si mesma. Trata-se de um encontro paradigmático, na medida em que o outro vivencia o seu próprio ser em si mesmo na presença de uma criança que também vive em si mesma. Um encontro de dois si mesmos unidos pelo sentimento de pertença a uma mesma vida que, expressando-se embora de modo diferenciado, permite a saída do isolamento e conhece a riqueza da partilha de um fundo comum: a vida afetiva.

Em novembro de 2015 apresentámos no Porto a nossa investigação sobre a necessidade de repensar a afetividade como sendo o princípio no qual a metapsicologia deve ancorar. Este texto foi enriquecido com a intervenção dos participantes nesse seminário internacional. Agradecendo a participação de todos, permitam-me que referencie explicitamente o acolhimento de Jorge Cunha a este nosso projecto no CEFi-Porto, sob a coordenação científica de Florinda Martins.

Parte II

A fim de delinear um programa de investigação em fenomenologia da vida, de Michel Henry, que procure saída às questões levantadas na primeira parte deste artigo, retomo uma das questões investigadas no projeto *Corpo e Afetividade: a receção de Michel Henry no Pensamento Lusófono*, realizado no CEPP em parceria com a USP, entre 2013 e 2015, mostrando, agora, a sua operacionalidade nas terapias do autismo. Estou a referir-me à questão *Michel Henry: que caminhos se abrem à fenomenologia depois da inversão do percurso por ela operado?* Irei articulá-la com duas questões da primeira parte deste artigo da autoria de Izabel Tafuri.

³⁰ HENRY, Michel – *Le Fils du roi*. Paris : Gallimard, 1981.

1. Genealogia do autismo: um começo perdido?
2. Recuperar o começo do autismo será reintroduzir nele o que ele perde da palavra de que deriva: Au(toero)tismo?

Terminarei situando as questões de Izabel Tafuri numa das linhas de investigação propostas durante os seminários de estudos avançados sobre Michel Henry, em curso no CEFi – Porto, assim formalizada: *o processo pelo qual a subjetividade se individualiza é indissociável do processo pelo qual ela experiencia a alteridade.*

1. A genealogia do autismo

a) Um começo perdido?

Perguntar por um começo enquanto começo perdido comporta, no mínimo, a possibilidade de um começo a recuperar. Ora foi com essa expectativa que Izabel Tafuri me procurou.

Conheci Izabel Tafuri em 2014, aquando da sua apresentação de um estudo de caso de Maria Beija-Flor, uma menina autista, em Congresso realizado pelo Núcleo de Pesquisa e Laboratório Prosopon, na Universidade de São Paulo, pelo Departamento de Psicologia Clínica. Coordenei, a convite de um dos organizadores do Congresso, Andrés Antúñez, a mesa que ela integrou, tendo sido previamente informada do interesse da apresentadora em estabelecer comigo possíveis abordagens do tema a Michel Henry. O seu interesse pela fenomenologia da vida não se ficou por aqui: Izabel Tafuri participou, ainda nesse ano, noutras atividades de pós-graduação, então realizadas por Andrés Antúñez e por mim, no Instituto de Psicologia Clínica, manifestando desde logo interesse em integrar o nosso grupo de investigação.

É na continuidade desse percurso que tecerei a réplica ao tema *Revisitando as crianças de Kanner à luz da Fenomenologia da Vida de Michel Henry*, por ela desenvolvido na primeira parte deste artigo.

Do conjunto das questões aportadas pela sua fala, abordarei primeiro a questão do *começo* ou das origens do conceito de autismo, porquanto é em articulação com este começo que Izabel Tafuri situa as dificuldades inerentes à psicanálise infantil quando perspetivada por um modelo de pensamento que perde uma parte da fenomenalidade do fenómeno que pretende cuidar. Ora o que esse modelo de pensamento perde é a experiência inerente ao fenómeno autismo, ou seja, a sensibilidade específica que o termo *autoerotismo* inicialmente implicava. De seguida mostrarei que recuperar o começo é bem mais do que unir as partes separadas de um todo: *eros* e *autismo* – *autoerotismo*.

Fá-lo-ei inscrevendo a história do conceito inconsciente no modelo de pensamento que atravessa a cultura ocidental de Descartes aos nossos dias, pois é nele que encontraremos as dificuldades da própria psicanálise em aceder ao começo dos fenómenos que toma a seu cuidado, chegando ao ponto de os excluir do seu âmbito de investigação, com implicações diretas na terapia de crianças autistas.

b) O inconsciente como o *começo perdido*: passagem da fenomenalidade do inconsciente anónimo, porquanto revelado na modalidade de um «isso», para a fenomenalidade de «aquilo» que é sentido como um mal-estar, por uma pessoa concreta.

A necessidade de retomar a fenomenalidade do inconsciente a partir de si mesmo, ou seja, a partir daquilo que se sente e enquanto tal nos constitui e não apenas ver o inconsciente como um isso estranho que tomo como um «eu» no acusativo, leva a que Izabel Tafuri se identifique, de imediato, com as questões tratadas por Michel Henry nos seminários e conferências realizados no Japão, em outubro, novembro e dezembro de 1983. Em ambos, o que está em questão é a perda de uma parte da fenomenalidade da vida do «eu», da vida de todos e de cada um de nós, sem a qual a própria psicanálise se torna incompreensível.

Michel Henry remete essa perda da fenomenalidade de uma parte da vida do eu para uma interpretação do *cogito* que remonta a Descartes e que, para o bem e para o mal, ainda hoje tem repercussões nos nossos modelos de pensamento.

Alinhada com esta tese de Michel Henry, Izabel Tafuri remete a perda de respostas, por parte da psicanálise a crianças autistas, para uma modalidade de pensar adotada pela psicanálise que remonta a Descartes. E fá-lo bem, pois, ainda que a citação por ela colhida de Michel Henry não nos permita por si só fazer esta ilação, se seguirmos o texto de Michel Henry, veremos que ele não deixa dúvidas quanto a essa possibilidade: Michel Henry não imputa à psicanálise o envelhecimento do seu modelo de pensamento, mas imputa-o a Descartes. Para Michel Henry, Freud é um herdeiro desse pensamento, ainda que um herdeiro tardio, pois o conceito de inconsciente aparece no pensamento moderno ao mesmo tempo que o de consciência saído da filosofia de Descartes.

Mas por que é que a fenomenalidade do começo perdido pela filosofia – neste caso, a fenomenalidade do inconsciente – interfere com a definição do começo do conceito de *autoerotismo*, em psicanálise? Justamente porque aquilo que a psicanálise perde é a fenomenalidade própria do inconsciente: uma fenomenalidade que se revela na modalidade de um sentir.

Ainda que não nos seja possível desenvolver aqui esta questão, torna-se indispensável dizer que Michel Henry, ao tratar da questão da refundação da psicanálise, define o inconsciente como consciência na modalidade de angústia, na modalidade de sentir-se angustiado, na modalidade de um mal-estar. Ora a inteligibilidade da angústia como inerente à sua própria fenomenalidade é uma questão, hoje, transversal às neurociências, ciências da cognição, filosofia da mente, pelo que ela tem sido central nas nossas investigações. Assim se compreende a receptividade de Izabel Tafuri a um pensamento que partilha não apenas as mesmas preocupações que as suas, mas oferece ainda a legítima expectativa de as poder vir a reformular e redestinar em diálogo interdisciplinar com esse pensamento. Todavia, como não basta afirmar que o conceito de inconsciente surge com o conceito de consciência, remetendo ambos a Descartes, retomamos, apenas como delineamento de um caminho percorrido em projetos anteriores, o contexto da separação da fenomenalidade de um e de outro. Na origem de tal separação está o desdobramento, em Descartes da fenomenalidade do sentir entre consciência do que se sente e consciência de sentir-se sentir o que o sente. Um desdobramento que a modernidade reteve não apenas até ao nascimento da psicanálise, mas até aos nossos dias, atendendo apenas a uma de suas partes, à primeira. Porém há em Descartes, elementos que nos permitem atender à fenomenalidade da outra parte do desdobramento do sentir. Com Michel Henry exploramos, em nossos grupos de investigação, essa outra fenomenalidade a partir de expressões de Descartes tais como *sentimus nos videre* e *videre videor*.

Fenomenologicamente, a experiência transcendental de ver-se ver ou, ainda em linguagem de Descartes, *sentimus nos videre* – «sentimo-nos ver» – é o começo irredutível na sua própria positividade de consciência de si como consciência de sentir-se sentir aquilo que sente. E essa originalidade da consciência não é exclusiva da visão, mas prova-se ou experiencia-se também em qualquer outra modalidade da experiência transcendental da vida: andar, querer, duvidar, jogar, decidir, isolar-se, amar, odiar, saber que sabe e saber que não sabe.

Ora os paradoxos linguísticos tais como experiência transcendental (já usado por Husserl), unidade experiencial do ver-se ver, sentir-se sentir, sentir-se pensar, sentir-se andar, querer, duvidar, decidir (Descartes/Michel Henry) transformar-se-ão em oximoros que, do interior da realidade que expressam, impossibilitam que aquilo que, sendo neles distinto – sentir-se e sentir – seja concebível separadamente. Foi nessa confusão entre distinto e separado que se processou o desdobramento da fenomenalidade originária da vida, na qual o inconsciente é um fenómeno que perde a sua própria fenomenalidade – sentir-se ensimesmado, angustiado, temeroso, desesperado – deixando-a a cargo

da consciência para uma transcrição ideal de algo que lhe é estranho. Foi esse desdobramento que Michel Henry interrogou, e ao fazê-lo abriu um novo campo de investigação: a fenomenalidade da afeção de cada ser e de cada vivo revela-se como sentimento dessa mesma afeção. Uma fenomenalidade cujo começo é o próprio processo do advir da vida a si como advir a cada ser e a cada vivo. Todavia a fenomenalidade deste começo é bem mais do que a metade do todo: mais do que o transporte do inconsciente para o seio da sua fenomenalidade.

2. O começo é bem mais do que a metade do todo

a) Recuperar o conceito de inconsciente em seu começo

Retomar o *perdido começo* cartesiano, retomar a fenomenalidade do sentir como sentir-se sentir, é então bem *mais do que recuperar a metade do todo*: o inconsciente da consciência. Michel Henry diz que é atender a uma outra fenomenalidade; é fazer uma outra fenomenologia, pois a fenomenalidade da experiência originária *sentimo-nos ver* – ou *videre videor* – não é o mesmo que o somatório das duas modalidades de fenómenos – *ver* + *ver-se*. É experienciar-se originariamente *ver-se ver*. O que significa que recuperar a metade perdida, quer pela psicanálise de Freud quer pela fenomenologia de Husserl ou de Heidegger ou ainda pela filosofia tradicional ou ainda pelo saber galilaico, implica uma outra forma de pensar. Implica fazer não apenas a passagem fenomenológica da *redução* para a *inversão* de um caminho – do invisível ao visível –, mas a atenção ao que, ainda que na modalidade de invisível, de forma irrecusável e positivamente, se revela como sentir-se sentir. Em termos henryanos trata-se de atender a fenómenos cujo acesso é possível apenas a partir do âmbito de fenomenalidade que ele denomina de contrar-redução cartesiana.

A fenomenalidade daquilo que nesta contrar-redução irrompe, assim como a importância para as ciências da saúde daquilo que nela irrompe, foi objeto de estudo do projeto internacional de investigação *Michel Henry: O que pode um corpo?*, e os seus resultados, já publicados, estão disponíveis a todos os interessados. Desses resultados permito-me sublinhar da fenomenalidade de *o que pode um sentimento* aquilo que *ele não pode*: não pode ser sentido, ou seja, não pode em si mesmo ser representado/significado. Mais ainda, sublinho que essa impossibilidade se não fica a dever a uma insuficiência na sua fenomenalidade, mas à sua especificidade: sentir-se sentir faz prova de si no processo do advir a si da vida, coincidindo a vida com esse mesmo advir a si. A fenomenalidade do inconsciente é a fenomenalidade

daquilo que se sente na modalidade de sentimento de angústia/consciência de angústia, sentimento de prazer/consciência de prazer: eros.

Foi a partir desses resultados que o projeto de investigação *Corpo-afetividade: a receção de Michel Henry no pensamento lusófono* estabeleceu relações entre a fenomenalidade da prova imediata do sentir-se sentir com a fenomenalidade da alucinação. A fenomenalidade do autismo integra, em si mesma, esta fenomenalidade do sentir cujo processo é primordial e independente da mediação de um desdobramento entre sentido e sentido do sentir. Esta questão implica a atenção às equivalências ou não entre a fenomenalidade da afetividade e da alucinação e ainda entre sentimento de si e alucinação. Nelas podemos encontrar linhas de investigação para a segunda parte das questões fenomenológicas levantadas pelo texto de Izabel Tafuri: o autismo vivido como autossatisfação auferida pela criança vivenciando-se na ausência de qualquer referência a uma realidade exterior a si.

As investigações que Andrés Antúñez e eu realizámos entre 2013 e 2015 permitiram-nos concluir que, em Michel Henry, a fenomenalidade do sentir como sentir-se sentir não é exclusiva da visão – *sentimus nos videre / videre videor* – porquanto se apresenta como paradigmática da fenomenalidade de todo e qualquer sentimento: angústia, desespero, temor, melancolia, beatitude, alegria, dor! Mas, mais ainda, permitiram-nos concluir pela primazia do sentimento de satisfação/autossatisfação, em todo o sentir: que há um prazer no sentimento, mesmo no sentimento de angústia, é uma tese que podemos colher em toda a obra de Michel Henry. E não como uma tese qualquer, mas como estruturante nas questões da definição da nossa condição humana.

b) Restituir eros, indevidamente furtado, ao autismo – auto(ero)tismo!

Assim, recuperar, como quer Izabel Tafuri, o termo originário *autismo* não é uma questão menor, porquanto recuperar eros para o autismo é recuperar a sua sensibilidade própria para, a partir das suas potencialidades, dar início à terapêutica. Ora, quer as questões da (autos)satisfação autista, quer as questões do (autos)sofrimento alucinado pedem que se compreenda a fenomenalidade de eros a partir da fenomenalidade do sentir que é irredutível à estrita função sexual. E ainda que não seja aqui o lugar para darmos conta do fenómeno erótico tal como Michel Henry o apresenta, sobretudo nas suas últimas obras, importa salientar que, neste autor, esta possibilidade de se ser tocado pela vida a partir da vida e não de um qualquer objeto, coisa ou pessoa muda não apenas a compreensão do fenómeno erótico mas a sua própria realidade: muda a realidade da angústia, do desespero, do sadismo, do masoquismo, do autoerotismo, porquanto, ao mergulharem na vida a possibilidade do seu ser, na vida colhem a possibilidade de mudança.

Mas isso implica repensar a fenomenalidade do corpo, uma vez que é nele e como ele que tudo nos é dado sentir. Questão que não passou despercebida a Descartes e está na origem da autorreformulação do seu sistema, quando ele próprio se questiona sobre a possibilidade de poder viver sem um corpo dotado de sentidos. Não um corpo qualquer, repare-se, mas um corpo dotado de sentidos.

Esta reformulação, feita por Descartes ao seu próprio sistema, é ainda hoje bastante esquecida. A obra de Michel Henry é determinante na recuperação desta reformulação. Redescobrimo um sub-reptício filão que atravessa a filosofia de Descartes aos nossos dias e que passa por Espinosa, Condillac, Maine de Biran, Schopenhauer, Nietzsche, Michel Henry renova o reinscrevendo-o nas filosofias da «incorporação» e «encarnação». E é assim que a fenomenalidade da vida não passa ao lado da fenomenalidade do corpo. É neste contexto que Michel Henry legitima o agastamento de Freud ante a insuficiência dos referenciais da filosofia da vida – os ditos vitalismos – para a compreensão do fenómeno dito inconsciente. Mas reconhece também que a circunscrição da vida a um epifenómeno ou fenómenos de superfície nos quais o espírito não paira é redutora e insuficiente. Assim, tem razão Izabel Tafuri, ao considerar quão insuficientes e arbitrárias são as propostas atuais sobre terapias no espectro do autismo. E são redutoras em dois sentidos – no sentido de o humano ser irredutível aos aspetos biológicos do seu ser (irredutível a um epifenómeno) e ainda no sentido de um desenvolvimento ideal a partir de uma base biológica também ela de algum modo ideal. E essa irredutibilidade continuará a ser insuperável em um modelo de pensamento marcado pela separação originária da experiência de si como sentir sentir-se.

Uma vez mais, na impossibilidade de dar conta de todas as questões que no coração do debate da definição do fenómeno originário da vida como sentir-se sentir se abrem, mencionarei apenas a que mais se prende com a definição de vivo: a ilegitimidade da sua definição pela exterioridade ou pela mera aparência de organismo e por conseguinte a sua irredutibilidade à sua figura ou forma exterior de aparência. O organismo é uma forma de *expressão* da vida e por isso mesmo remete à vida que o atravessa e constitui: à autoafetividade da vida cujas afeções nos é dado sentir, porquanto a vida se revela ou se manifesta originariamente no e pelo sentimento da sua própria afeção.

Isso mesmo intui Izabel Tafuri a partir da psicanálise de Freud. No seu texto pode ler-se que a receção do calor pelo ovo para a geração do vivo, bem como a satisfação da necessidade de mamar, ou a satisfação de necessidades de nutrição, ou até mesmo de exploração do mundo como seja chupar os dedos, são prova de uma atividade própria da vida do bebê não explicável pela biologia. A satisfação na corpopropriação do mundo, da qual o chupar

dos dedos pelo bebê é exemplar, implica que se interrogue a relação do eu consigo como relação com a alteridade em si vivida como afeto, pois é nele que se tece a singularidade da história de cada um de nós. Alteridade na qual a adesão de si ao processo da vida como si desloca a questão da vulnerabilidade originária da nossa vida para o lugar do seu nascimento. Este nascimento antecede qualquer determinação da vida e de suas crises: violência, estranheza autista, viver alucinado. Assim, essas determinações devem poder ser inscritas em formas de cultura apropriadas ao seu modo originário de vida mobilizado pelo sentir-se sentir os seus movimentos e processos e desse modo, neles, se envolvendo. Ora isto mesmo implicará também algumas inflexões no pensamento de Michel Henry.

3. Recuperar o começo é recuperar o processo pelo qual o sentimento de pertença à vida é indissociável do sentimento de pertença a um corpo e a uma comunidade concreta: a fenomenalidade da ipseidade é indissociável da experiência do outro como afeto corpopropriado.

Retomarei, em forma de esboço, essas inflexões a partir das citações que Izabel Tafuri colhe de alguns dos meus artigos para, se ela assim o desejar, as desenvolver no projeto de investigação em curso no CEFi-Porto. A primeira dessas inflexões prende-se com o *immediatismo das sensações do corpo*. O sentimento pelo qual elas se revelam pressupõe a sua pertença à afeção da vida, pelo que, mais do que a intencionalidade ou não desse immediatismo, o que aqui está em causa é a possibilidade de nos movermos no e com o movimento originário da vida, para nela e com ela advirmos como pessoas! Ou seja, implica atender à fenomenalidade da vida no que à noção de pessoa diz respeito. Ou seja, atender à fenomenalidade de um experimentar que começa em si e acaba em si, sem que por isso em si esteja fechada, pois a relação do eu consigo é, no dizer de Kierkegaard corroborado por Michel Henry, uma relação consigo posta por um outro. A vida transcendental é assim um *necessário poder experimentar-se que se experiencia*, no limite de si mesmo, *necessariamente como dever ser*. A fenomenalidade de um *poder experimentar-se* dá-se conjuntamente com a fenomenalidade de um *dever experimentar-se*, delimitando-se um e outro ou tornando-se possíveis um e outro. Este é o dado mais originário e imediato da revelação da vida: *pathos-com*. Nele a possibilidade de retomar, sempre, o começo perdido.

Referências bibliográficas

- BLEULER, Eugen – *L'Invention de l'autisme*. Paris: Navarin, 1988.
- FREUD, Sigmund – Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980, Vol. 12, p. 271-286.
- IDEM – Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980, Vol. 7, p. 121-252.
- HENRY, Michel – *Genealogia da Psicanálise: O começo perdido*. Curitiba: Ed. UPPR, 2009.
- IDEM – *Généalogie de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1985.
- KANNER, Léo – Autistic disturbances of affective contact. *Nervous Child*. 2: 3 (1943) 217-250.
- KUNDERA, Milan – *A vida está em outro lugar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- MARTINS, Florinda – Affection and first philosophy: the relationship between phenomenology and life sciences. *Psicologia USP*. 26: 3 (2015) 364-370.
- MARTINS, Florinda; ANTÚNEZ, Andrés – Michel Henry: sense of self and hallucination. *Revista de Estudos de Psicologia*. 33: 3 (2016) 425-430.
- MOSKOWITZ, Andrew; HEIM, Gerhard – Eugen Bleuler's dementia praecox or the group of schizophrenias (1911): a centenary appreciation and reconsideration. *Schizophrenia Bulletin*. 37: 3 (2011) 471-479.
- TAFURI, Maria Izabel – *Dos sons à palavra: explorações sobre o tratamento psicanalítico da criança autista*. Brasília: Abrafip, 2013.